

A ORAÇÃO PELOS DEFUNTOS?

Porquê é que os católicos rezam pelos mortos? É esta uma pergunta que, muitas vezes, nos dirigem os cristãos não católicos. O costume dos católicos de rezar pelos defuntos baseia-se na existência do Purgatório, doutrina que os cristãos reformadores suprimiram, por isso é que têm dificuldade em compreender a oração pelos defuntos. A Igreja Católica não só ensina a orar pelos defuntos, mas também dedica o mês de novembro aos defuntos e permite a todos os sacerdotes de celebrar três missas com este fim no dia 2 de novembro.

O Catecismo da Igreja Católica afirma:

1031. A Igreja chama *Purgatório* a esta purificação final dos eleitos, que é absolutamente distinta do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativamente ao Purgatório sobretudo nos concílios de Florença (DS 1304) e de Trento (DS 1820). A Tradição da Igreja, referindo-se a certos textos da Escritura (1Cor 3,5; 1Pd 1,7) fala dum fogo purificador:

«Pelo que diz respeito a certas faltas leves, deve crer-se que existe, antes do julgamento, um fogo purificador, conforme afirma Aquele que é a verdade, quando diz que, se alguém proferir uma blasfémia contra o Espírito Santo, isso não lhe será perdoado nem neste século nem no século futuro (Mt 12, 32). Desta afirmação podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas neste mundo e outras no mundo que há-de vir» (São Gregório Magno, Dialogi).

A prática de orar pelos defuntos

A fé na existência do Purgatório é confirmada pela prática de orar pelos defuntos já existente na comunidade hebraica. Judas Macabeus, vencedor de Górgias, depois de enterrar os caídos em combate, fez uma coleta de 2000 dracmas de prata e enviou-a a Jerusalém para que se oferecesse um sacrifício no templo, para que fossem purificados dos pecados:

«agindo digna e santamente ao pensar na ressurreição, porque, se não esperasse que os mortos ressuscitariam, teria sido vão e supérfluo rezar por eles. E acreditava que uma bela recompensa aguarda os que morrem piedosamente. Era este um pensamento santo e piedoso. Por isso pediu um sacrifício expiatório, para que os mortos fossem livres das suas faltas». (2Mc 12, 43-46).

O testemunho dos primeiros cristãos

Os primeiros cristãos continuaram com a tradição hebraica cultivando a piedade para com os defuntos: oração, esmola, jejum, e, sobretudo, a Santa Missa.

Jesus afirma que o pecado contra o Espírito Santo: *«não será perdoado, nem neste mundo nem no futuro».* (Mt 12, 32) Esta afirmação deixa entender que há pecados que serão perdoados também no mundo futuro. É o que chamamos de Purgatório. É desta forma que o entendem Santo Agostinho e S. Gregório.

Na epístola aos coríntios, S. Paulo escreve: *«o fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída resistir, o construtor receberá a recompensa; mas, se a obra de alguém se queimar, perdê-la-á; ele, porém, será salvo, como se atravessasse o fogo»* (1Cor 3, 13-15).

As palavras «*será salvo, como se atravessasse o fogo*» deixa entender que a alma desse homem será no fim salva, embora tenha de sujeitar-se, por algum tempo, ao fogo purificador (Purgatório).

Nos túmulos dos primeiros mártires sepultados nas catacumbas se encontram inscrições que testemunham a prática de orar pelos defuntos. Uma delas é seguinte invocação: «*Nas vossas orações pensai em nós que vos precedemos*»; e a resposta: «*Que a luz eterna brilhe sobre ti em Cristo*». Numerosas inscrições se encontram nos monumentos funerários dos cristãos dos três primeiros séculos.

O testemunho dos Padres da Igreja

Os Padres da Igreja, tanto do Oriente como do Ocidente testemunham o costume de orar pelos defuntos. Por exemplo, São João Crisóstomo (347-407) diz:

«Socorramo-los e façamos comemoração deles. Se os filhos de Job foram purificados pelo sacrifício do seu pai (Job 1,5) por que duvidar de que as nossas oferendas pelos defuntos lhes levam alguma consolação? [...] Não hesitemos em socorrer os que partiram e em oferecer por eles as nossas orações» (CIC 1032).

Tertuliano (160-240) fala em duas passagens diferentes, das missas de aniversário:

«Nós oferecemos todos os anos, em dia determinado, o sacrifício pelos mortos como pelo dia do seu nascimento» e «A viúva crente reza pela alma do seu esposo, reza por ele que está no repouso esperando, para que tenha parte na primeira ressurreição, e oferece por ele as suas orações no aniversário da sua morte».

O testemunho mais tocante sobre este assunto vem-nos de Santo Agostinho, no princípio do séc V. Ele conta que sua mãe, chegada a hora da morte, lhe fez este último pedido:

«Sepulta o meu corpo em qualquer lugar, não importa onde; não te preocupes com ele. Mas peço-te somente que, onde quer que estejas, te lembres de mim no altar do Senhor».

Este pedido inspirou-lhe uma ardente súplica:

«Por isso Te imploro, ó Deus do meu coração, pelos pecados da minha mãe. Que ela repouse em paz com o seu marido... E inspira, Senhor, aos teus servos meus irmãos, que eu sirvo pela palavra, pelo coração e pela escrita, a todos os que lerem estas linhas, que lembrem no Teu altar, a Tua serva Mónica».

A Igreja primitiva costumava orar pelos defuntos, tal como acontece aos nossos dias. Isto significa que acreditavam numa purificação das almas depois da morte, o que chamamos de Purgatório. Esta prática já estava profundamente enraizada no judaísmo e conservou-se até aos nossos dias.

É verdade que a palavra «purgatório» não se encontra na Sagrada Escritura, mas supõe a existência de uma purificação pós-morte. Os Padres da Igreja, do Oriente e do Ocidente, e prática do povo de Israel e da Igreja de orar pelos mortos, testemunham a sua existência.

Santa Brígida, nobre dama sueca, falecida em Roma em 1373, escreveu. *«Assim como quem tem fome fica feliz por comer, quem tem sede feliz de beber, quem está nu se alegra por ter roupa e quem está doente por ter um leito onde se possa deitar, também as almas do Purgatório ficam felizes com o bem que fazemos por elas neste mundo e do qual elas aproveitam».*

«A Igreja católica, ensina que o Purgatório existe e que as almas que aí estão retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e muito especialmente pelo Santo Sacrifício da Missa. O santo Concílio prescreve aos bispos que velem por que a sã doutrina do Purgatório, recebida dos Padres da Igreja e dos Concílios, seja acreditada, professada e afirmada pelos fiéis e que lhes seja pregada com zelo» (Concílio de Trento, Sessão VI. Cf Denzinger 983).

A razão exige o Purgatório

Mesmo que a Sagrada Escritura e a Tradição não testemunhassem a existência do Purgatório, a razão humana por si só, supõe a sua existência. De facto, de *«nada de sujo poder entrar no céu»*, por isso, uma alma que sai desta vida com um pecado venial, ou com uma pena não expiada, não poderia entrar no Céu. Também não poderia, em justiça, ser enviada para um inferno eterno, porque não haveria proporção entre pecado e punição.

Provavelmente são poucos aqueles que deixam esta vida em perfeito estado de graça e que entrem imediatamente no Céu. Mas temos a esperança de que a ninguém seja negado o bendito refúgio do Purgatório. É uma verdade que está em perfeita harmonia com a razão e com os desejos instintivos da nossa natureza; é uma verdade tão consoladora que brota da Misericórdia de Deus que não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva.

É razoável pensar que um grande número de pessoas morra com pecados veniais e não podem entrar imediatamente no Céu, mas também, não merecem a condenação do inferno. Deve,

portanto, existir um estado intermédio de purificação, para que a pena seja proporcional à falta.

O Purgatório representa precisamente a purificação das almas pós-morte, antes de se apresentar ao seu Criador, isto é, à felicidade eterna do céu. Não só a existência do Purgatório, mas também o hábito de rezar pelos defuntos está em harmonia com a Sagrada Escritura e, também, com o nosso instinto natural.

A doutrina da Igreja sobre o Purgatório está em perfeita harmonia com a racionalidade humana. *A comunhão dos santos* é uma verdade de fé que a firma a solidariedade existente entre vivos e mortos e, ao mesmo tempo, a possibilidade que nos ajudarmos uns aos outros, o que contribui muito para tirar à morte o seu carácter atemorizador.

Se podemos orar pelos vivos, porquê é que não podemos orar pelos mortos. A morte destrói o nosso corpo, mas deixa a alma intacta. Ela continua a viver, a pensar, a recordar e amar. E nós podemos manifestar-lhe o nosso amor, não só com lágrimas inúteis, mas também com as nossas orações e sacrifícios. Diante do cadáver do nosso querido defunto, podemos levantar os olhos ao Céu, vermelhos de lágrimas, e orar: «*Ó Deus, tem piedade da alma do meu querido defunto*». Já não podemos tocá-lo com as nossas mãos, nem as ver com os nossos olhos, mas, o nosso amor e as nossas orações podem sempre alcançá-lo».